

INTRODUÇÃO

Lucas Eduardo Silveira de Souza

O ano de 2017 testemunhou um panorama de desafios e incertezas para o regionalismo. Apesar da diversidade de perspectivas que a temática enseja, essa é uma assertiva que figura entre os diagnósticos de especialistas e estudiosos. Na América do Sul, inflexões governamentais recentes em países como Argentina, Brasil, Paraguai e Peru reforçaram o ambiente desfavorável ao regionalismo pós-hegemônico. Soma-se a isto a escalada das crises política, econômica e social na Venezuela, que têm relegado o presidente Nicolás Maduro ao maior isolacionismo regional desde a sua posse, em 2013.

Na Europa, o que até então fora considerado o suprassumo das experiências de integração regional, a União Europeia, está envolta nos flagelos causados pelo processo de saída do Reino Unido do organismo, processo este conhecido por Brexit. Além disso, as fraturas do multilateralismo, insufladas pelo redirecionamento da política externa do presidente Donald Trump e o despontamento da guerra comercial entre os Estados Unidos e a China, contribuem decisivamente para maior instabilidade do sistema internacional.

A combinação desses e de outros fatores, somada às dinâmicas específicas de cada âmbito nacional, resultaram em uma percepção de crise generalizada dos projetos regionais. Em sinal de afinação com esses debates, o primeiro volume do "Cadernos de Regionalismo", organizado pelo Observatório de Regionalismo (ODR), oferece ao público uma coletânea de artigos inéditos produzida por pós-graduandos. A partir de uma proposta relevante e permeada de discussões de exímia qualidade, a publicação congrega ao todo dez artigos que versam sobre a conjuntura do regionalismo no ano

de 2017 sob os mais diferentes enfoques: político, econômico e social.

Em quase dois anos de sua existência, o ODR tem se destacado enquanto corpo de jovens pesquisadores que vem construindo uma identidade própria no universo de estudos sobre regionalismo e política externa. Por esse motivo, o debate do "Cadernos de Regionalismo" não só expressa o amadurecimento desse coletivo de mestrandos e doutorandos como também demarca um evento de grande importância rumo à profusão e reafirmação de suas produções coletivas no meio especializado. Tal relevância se manifesta na riqueza de discussões e na heterogeneidade de ferramentas teórico-metodológicas que foram empregadas por esses textos, bem como no mérito da amplitude das áreas estudadas: América Latina, América do Norte, Europa, África e Ásia.

Assim sendo, os artigos deste primeiro volume constituem uma seleção de textos diversos que transitam entre agendas de pesquisa variadas, mas que possuem como elo comum a análise sistemática do regionalismo.

O ponto de partida é dado por Bárbara Neves e Guilherme Ferreira, que desbravam a formação do sistema de governança regional americano, que se inicia com a constituição da Organização dos Estados Americanos (OEA) e desemboca no século XXI sob a égide de uma arquitetura regional multifacetada por organismos de teor pós-hegemônico como a Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (ALBA), a União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) e a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC).

Os impactos externos do primeiro ano de governo do presidente Donald Trump, sobretudo em relação ao redirecionamento da política econômica internacional, com efeitos para a permanência no Acordo Estratégico Transpacífico de Associação Econômica (TTP, no acrônimo em inglês), são o objetivo da análise proposta por Milagro Castañeda e Roberto Barros, que focaliza também o papel do México no tabuleiro geopolítico. Em seguida, o texto de Julia Borba confere atenção à Aliança do Pacífico em seu sentido de reafirmação das potencialidades de negócio entre Ásia e Pacífico.

Ainda na América do Sul, mas com olhos voltados para o recrudescimento da direita nos governos presidenciais de países como Argentina, Brasil e Paraguai, os autores Ana Elisa Gazzolla e Angelo Lira oferecem uma reflexão acerca da conjuntura

de instabilidades geradas por essa grande tendência. Nesse sentido, a discussão de André Araujo acerca do aprofundamento das incoerências internas da Venezuela, simbolizadas pela deterioração da governança democrática e dos diversos âmbitos da vida social, estabelece um diálogo importante com o assunto anterior. Lucas dos Santos encerra a seção dedicada à América Latina propondo um cotejamento entre discursos e práticas que estão envoltos no já longínquo processo de construção do acordo Mercosul-União Europeia.

Por seu turno, Cairo Junqueira retoma a discussão sobre a Europa jogando luz sobre as ambivalências da União Europeia e dos nacionalismos a partir do Brexit. Essas e outras questões sobre tal assunto passam a ser tratadas por Flavia Araujo e Maria Leite, as quais, além de retomarem a cronologia dos fatos, destacam ainda os desafios da integração regional e discutem o papel do euroceticismo.

Os dois últimos textos desse volume, de autoria de Clarissa Ribeiro, se encarregam de abordar Ásia e África, respectivamente. Em primeiro lugar, a autora faz um balanço dos 50 anos de existência da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Em seguida, Ribeiro avalia os processos regionalistas no continente africano, sob a perspectiva da União Africana, ao passo que evidencia o marco de reingresso do Marrocos ao organismo.

Por fim, trata-se de um balanço evidentemente centrado nos principais aspectos que perfazem a conjuntura do regionalismo no ano de 2017. A força de suas análises reside justamente na capacidade de aliar o rigor técnico a uma linguagem fluida e simples, sem se deixar cair no simplório e monocromático. Assim, o Observatório de Regionalismo (ODR) acredita estar contribuindo para a profusão e democratização do conhecimento.

Lucas Eduardo Silveira de Souza

Bacharel em Relações Internacionais (Unesp) e mestrando em Relações Internacionais (UnB).

Área de interesse: América do Sul, regionalismo sul-americano, Unasul, integração regional e política externa brasileira.